

esquerda que prosseguiu na luta, após a morte de Nunes Machado, a 2 de fevereiro e o insucesso do ataque ao Recife, levando-o até a “guerra das matas”, em que tanto se destacou a figura legendária de Pedro Ivo.

Borges da Fonseca comandaria a coluna do sul e, depois, todas as forças rebeladas. Sua energia permitiu salvar da desagregação essas forças, após a derrota do Recife e a morte de Nunes Machado. A 29 de março, proclamaria: “Quem não é por nós, é contra nós. Liberdade e paz aos que me ajudarem; aniquilação e morte aos que me combaterem e auxiliarem o governo imperial”. No dia seguinte era preso, vítima da traição e da delação, mas permanece o mesmo. O general Melo Rego descreve a sua entrada no Recife: “Borges da Fonseca, ao lado do capitão Soledade e acompanhado por 80 praças do Batalhão de Caçadores, calmo e de cabeça erguida, mirando serenamente a um e a outro lado, não parecia um prisioneiro”. Figueira de Melo, no relatório que deixou dos acontecimentos, traça o perfil do jornalista que trocara a pena pela arma: “Dotado de alguma inteligência e coragem; acostumado, desde a sua mocidade, a planear desordens, resistências e revoluções, que pareciam terem se tornado um elemento de sua inquieta existência; enfarinhado nas doutrinas inexequíveis de escritores demagógicos, desde Rousseau até Cabet, que tinha por oráculos; pertinaz sobremodo em sustentá-las pela imprensa e pela palavra entre as classes baixas da sociedade, únicas que, por sua ignorância, podiam recebê-las sem contradição e a quem falava sempre em estilo rasteiro e apaixonado ao mesmo tempo; tendo extraordinária obstinação em seus planos de proclamar o governo republicano, a qual parecia aumentar-se pelos trabalhos que tinha sofrido, desde que entrara na carreira política e não diminuir-se pela experiência do estado da sociedade brasileira, era esse caudilho, depois da morte do desembargador Nunes Machado, a cabeça que dirigia a revolta e o braço que a sustentava, o chefe, enfim, que se punha à frente dos combatentes”(106).

Borges da Fonseca foi mantido incomunicável, na corveta *Euterpe*. A maioria dos presos passou da cadeia do Recife para porão de navios: “Encerrados aos centos em um porão estreito, imundo, abafado; mergulhados n’água, que entrava por todos os poros do navio, iam definhando;

dos direitos individuais dos cidadãos; 9º) Extinção da lei do juro convencional; 10º) Extinção do atual sistema de recrutamento”. Pouco depois, o Manifesto foi desautorado pelo *Diário Novo*, como apócrifo, em artigo de Lopes Neto. Fora redigido por Borges da Fonseca e assinado pelos chefes da coluna do norte que, desde o início, se colocaram à frente do povo. Representa a fase de luta, quando a esquerda liberal e republicana comanda o movimento.

(106) Jerônimo Martiniano Figueira de Melo: *Crônica da Rebelião Praieira entre 1848 e 1849*, Rio, 1850, págs. 392/395.